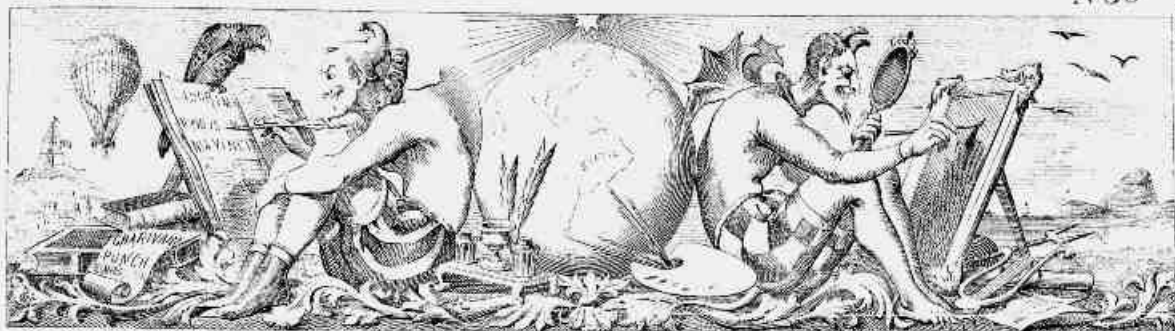


A COMEDIA SOCIAL

HEBDOMADARIO POPULAR SATÍRICO

№39



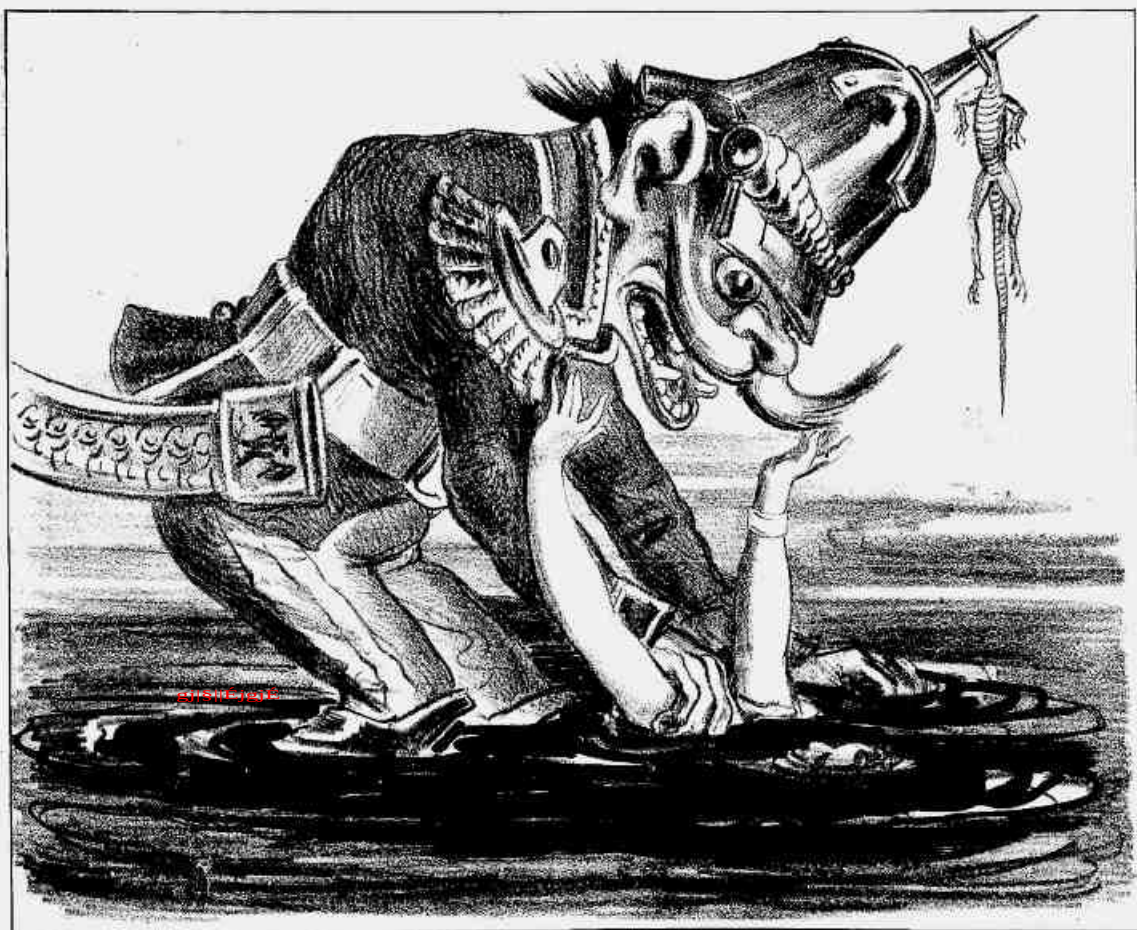
Preço das Assinaturas

CORTE E A LITURGIA DO KYRIE

Para las Provincias

Anno ☐ ☐ ☐ ☐ 8 to 00
 Sermes! it ☐ As 1 Sec
 Xumcin Amulso 200

Amount _____ 100000
 Sent size _____ 63000

[illegible]

A raça latina será a final afogada n'um mar de sangue !

A COMEDIA SOCIAL

RIO DE JANEIRO, 27 DE OUTUBRO DE 1870

CHRONICA DRAMATICA

Primeira representação da drama « A Torre de Londres »

A companhia que teve a boa inspiração de levar á scena o talento do representante com tanta habilidade uma peça em condições da Torre de Londres, iniciou a mais fervorosa graduação de todos os que prezam a verdadeira arte dramática.

Os domínios regerem em alto grau os elementos principiaes que são precisos para captar o espirito do espectador e mostrar o talento do artista.

Com uma só excepção os papéis foram bem desempenhados, e nos tres ultimos actos o espectáculo tem toda a força da realidade.

O papel do Conde Murray é digno de Gerardo que prima com o papel do banido o aventureiro. O actor esteve realmente grande no seu, em que arrebatado pela intensidade do horror e remorso, o conde Murray é precipitado em uma loucura que resulta, não do frenesi, e sim da força do seu espirito.

Octavio Pereira, que possui um talento especial e muito raro para a personificação de tipos, ganhou novos lauros ao papel do banido o aventureiro. Felicidade especial, especialmente pela presença com que no ultimo acto representou a insensateza do malvado endurecido. A maneira por que pronunciou o não em resposta aos rogos do conde Murray basta para si, a sua faz a sua reputação de artista dramático.

A Sra. D. Ileana, que reúne os dois generos do la-leufo, foi também feliz no papel de que foi incumbida. E, finalmente, completamente em Clary Murray, a filha, a actriz e a espiã vingadora, da lida, escoteira dos tempos antigos, a pouco escolhida do amante, a terruosa, dedicada do não, a actriz pura e desinteressada, irada, a mistura singular de humildade e orgulho da mulher nobre e virtuosa que se perde pelo amor, ea grã-duquesa via a admirada que essa mulher tributa a quem lhe offerece a sympathia em lugar do illuzão.

A Sra. D. Julia Gobatto fez uma estreia brilhante no papel da condessa Murray, recebendo no terceiro acto applausos, que bem merecia.

Os actrizes Maíra Trindade bem comprehendem e desempenham os papéis do William Douglas e Toby.

A acertada distribuição dos papéis e a coadjuvação prestada que os artistas intencionalmente devessem apreciar muito contribuíram para o bom êxito da primeira representação da Torre de Londres.

O auditorio applaudiu calorosamente e duas vezes chamou os actores a scena.

Finalmente, dando o parolito ao Sr. Gerardo ea sua companhia, recomendando, enquanto este drama não for retirado da scena, os espectáculos do theatro, ficando (não a proteção) pois isso seria relaxar-se—mas a homenagem do publico.

O pudor publico.

Lamartine dizia: — a palavra tem o seu pudor.

E dizia-o sem duvida porque a natureza da palavra pode offender a moral e os costumes.

Victor Hugo disse: — quando escreveres algum livro, lembra sempre que os meninos e as jovens donzelinhas podem lê-lo.

E disse-o sem duvida porque tanto pela materia como pela forma um escripto impudico ou livre e capaz de ser nocivo á moral e aos bons costumes.

Ora o que se diz da palavra e do livro diz-se tambem de tudo quanto fallamos aos outros, aos ouvidos, á imaginação e ao espirito ululante e gasta o pudor publico que é a sentinella da moral.

Certo dia ouvia um critico que na exposição da academia das bellas artes fazia observar o defeito do quadrosim que uma mulher symbolica e semi-nua tendo um dos braços levantado e com a axilla á mostra sem que esta mostrasse os fizes pelos que lhe são naturaes.

Um artista que ouvia o critico respondeu-lhe sorrindo:

— Os grandes mestres legaram-nos este esquecimento, como lição do delicadeza e de pudor da arte.

Não sei se o artista disse a verdade: os juizes competentes que o decidam.

Fu tinha quasi pavor de memoria este caso da exposição da academia das bellas artes, quando em uma noite da semana pas-

sada m'o vieram recordar o algumas dançarinas de um dos nossos theatros.

Traziam ellas mangas incompletas, mas que ao menos desciam-lhes até um tempo do braço; tinham-se vingado porquê daquella violencia contra a sua ostentadora nudez, tallando as pobres mangueirinhas exaclamamente no luar das axillas, do modo que levantando os braços em suas danças figuradas mostravam ao respectivo publico as moitas de pellos ornamentos das axillas.

E o artista respondeu ao critico, fallando-lhe em lição de delicadeza e de pudor da arte: —

Nas gazetas diarias alguém se queixou da exposição nua e do dia claro de alguns homens ao sair do banho em certa praia da cidade.

Responderam que quem sabe do mar, onde se banhou, tem por força de vestie-se e que então não olhem. (!!!)

A resposta não tem resposta: porque rogar de banho ou ao menos uma calcinha justa que salva a decencia são cousas que não existem.

Mas que admittir esse facto, quando nas praias mais frequentadas das duas cidades fronteiras, mesmo ao pé das portas das barcas é tão commum e diário esse espectáculo de fustigios que entram no mar, e sahem do mar na perfeita nudez em que foram paritidos?...

E que recurso para o pudor publico? — Que não olhem!...

D'antes havia mulheres peraltas, sempre as houve, embora menos escandalosamente que hoje.

Mas d'antes os homens de educação e de boa sociedade ainda mesmo os mais peccadores pagavam justo tributo á moral e ao pudor, procuravam sempre furtivamente: essas mulheres, desconhecendo-as em publico para não affrontar os bons costumes.

Hoje até faz-se gáudio de apertar a mão da corteza famoso em pleno dia, na rua e aos olhos das senhoras honestas que passam, e de fazer-lhes corte nos corredores do theatro em noite de espectáculo.

Que ensina semelhante exemplo aos meninos quasi jovens que isso veem?

— Que não olhem!...

E o pudor das senhoras honestas e o santo respeito que lhes é devido?

— Que ellas tambem não olhem.

Isto assumpto da moral, bons costumes e do pudor publico não é para se tratar de uma vez, antes convém que a cada vez sempre batendo na pedra para ver se a amollece. E o que faremos.

A vocação de Patty.

CAPITULO II.

(Continuação.)

Quanto á sua vivacidade, não a tinha. Não palestrava mais, nem fazia mais de grande senhora; era como uma criada muda.

Uma justamente o que eu pensava. Ia cazar-se com o senhorio, e julgava não amal-o.

« Neste momento, oh! minha boa Patty, estremo com a idéa do cazar-me. »

« Então não se caze. »

« Mas eu quero. »

« Ah, Mimosa ruim, o senhorio é demasiado bom para com você. Adora-a, tem um coração muito tenro, que vai ficar despedaçado se você fizer esse casamento sem ser por amor. »

« Ora, Patty, ouça. Elle escreve-me dizendo que só a mim ama, e nunca amou nem amará outra. »

« Achei-o bom. Gostei disso, pois me faz ver não ser elle como os outros homens. »

« Assim comecei a ficar interessada. »

« Diz-me então nas suas cartas não me ser necessario amal-o a força ou de modo algum pensar n'ello. Devo viver sempre com se nunca o tivesse visto. »

« Nunca viés á minha presença, pois não posso, mas me desejarei sempre para sua mulher. E finalmente diz: — Adeus. »

« Ora, Patty, que pensa você ter eu descoberto? Lagrimas, lagrimas e lagrimas correndo-me pelas faces abaixo. Digo: — Que lagrimas são estas? Você está sentida, menina ruim? E a resposta é: — estou sentida. »

« Assim pois escrevo para dizer-lhe não ter gostado d'este adeus, e a resposta á minha carta vem a ser elle em pessoa. Não digo couza alguma, porém escrevo ainda uma vez. Declaramos que quer cazar-me, e não gosto de cazar-me. »

« Deixe-me fallar ao senhorio, e acabar com isso; pois se se cazarem, será uma infelicidade para ambos. »

« Infelicidade, porque? » pergunta ella acaloradamente.

De certo não havia meio de entender a menina!

E com que cara de martyr apparece o dia do casamento. Naturalmente eu e Roberto fomos á boda, e quasi me puz do joelhos na véspera para fazer com que ella desmanchasse as nupcias.

Como o senhorio conseguiu passar o tempo do namoro sem intentar enforçar-se ou afogar-se, ou odial-a e romper com ella, não sei. Mostrava-se com mais calundis e mais exqu coasta do que a nossa vaza malhada que afinal fomos obrigados a vender, ainda que fosse a melhor letreira que em tempo algum tivemos. Quatroze libras de manteiga duas vezes... mas estou olvidando o dia do casamento de Mimosa.

Casou-se, e se o senhorio tivesse espozado uma estatua, não se teria mostrado mais petrificado. Quanto a elle, portuise com um anjo, ainda quando não tivesse tal aspecto.

« Afalast-a-lui de vocês todos, » diz elle a Roberto. « Então gradualmente se acostumará comigo, e não tendo alguma outra pessoa a quem fallar, irá falando comigo, como fazia, quando contava-n o principio. »

« Patty, você é uma cazamenteira. » Ora estou certa que, depois de ler essa historia, todos verão ter sido o senhorio quem fez a sua propria cama, e assim deve deitar-se n'ella.

Quiz cazar-se com a mocinha, embora mostrasse está bem claro odiar semelhante idéa. Fiz tudo para impedir isso, e o porque persistio Mimosa em cazar-se com elle é um d'aquelles mysteriosos paradoxos que nunca podem explicar-se.

Gostava d'elle em segredo? Desejava ser rica? A mim a tinha persuadido? O avô a tinha obrigado?

A mim propria fiz estas perguntas mais de doze vezes, sem poder dar-lhes resposta. Perguntei então a Roberto, e a sua resposta immediata foi:

« Elle é mulher, Patty, de todos os animaes o mais curiosamente formado e o mais incompreensivelmente organizado. »

« Ora, Roberto! »

REGADOS DOS AMIGOS

Canto da valdeza.

Donoso natureza
Mo fez bella e galante
Quem vêem um só instante
Por força me ha de amar.
Mas sempre que faustoso
Vem a arte cuidadosa
Meus dons fazer brilhar:
Pagai, que me quer bem,
E quem ha de pagar?

Meo póntio do neve
E' lindo e delicado,
E form, vil calgado
De certo o vai magoar:

Moi pé corêdo marlin
Sapato do setim
Se devei calçar;
Papai, que me quer bem,
E' quem ha de pagar.

Eu tenho corpo esbelto
E pinto magestoso,
Por' moi andar gracioso
Me faço admirar.
A tanta gentileza
Vestidos de príncipeza
Se podião bastar;
Papai, que me quer bem,
E' quem ha de pagar.

A feição mais vaidosa
Do meu formosura
No mimdo da cintura
Não chega a me igualar;
Mas falam-nos brilhantes
E um cinto de diamantes
Que m'a venha apertar;
Papai, que me quer bem,
E' quem ha de pagar.

Meu collo magestoso
O brando cysno inveja;
Meu nroço peito alveja
Ao lito escurear;
Por' isso e que apeteço
Riquíssimo adereço
P'm o collo me adornar;
Papai, que me quer bem,
E' quem ha de pagar.

As miúdas mãos de neve
E dedos de crystal
E as unhas de coral
Desejam-se beijar;
Mas dey' em lousas finas,
Mimosas, pequeninas
Deixar-se adivinhar;
Papai, que me quer bem,
E' quem ha de pagar.

São longos e formosos
Os meus negros cabellos,
Tão crespos e tão bellos
Ninguém pode ostentar;
Mas doblam-sea primoros,
Se de brilhantes flores,
Vão nobres se enredar;
Papai, que me quer bem,
E' quem ha de pagar.

Bem sei que sou valente
Que tenho a cor do rosa,
A voz melodiosa,
A espirituosa oller;
Mas devei arte, e riqueza,
Da amiga natureza
A obra rematar;
Papai, que me quer bem,
E' quem ha de pagar.

Meus lindos sapatinhos,
Meu cinto de diamantes,
Adereço de brilhantes
Não posso dispor;
Vestidos de mil cores,
Diademas, jóias, flores,
Meo pai, v'o me comprar;
Papai, que me quer bem,
Tudo isto me ha de dar.

Os chins.

Sr. redactor: — O diabo que entenda os senhores ali da corte! Não querem deixar-nos os escravos, nem fazer os grandes sacrificios absolutamente necessarios para attrahir a immigração europêa; esse alguem que não quer ver a decadência da lavoura, «a unica fonte da riqueza nacional» (como ocamente diz cada bacharelado que honra este assumpto com a sua sapiência) — digo, se alguem ousa fallar nos chins, levanta-se uma gritaria dos diabos, e o coitado dá-se por feizo se escapa levando sómente descomposturas.

Porque esse clamor contra os chins?

— São uma raça inferior, estúpida, fraca e indolente, dizem uns, e não queremos a degeneração da nossa raça pela mescla com elles.

Ora, meus senhores, isso me lembra de uma meretriz que assustou-se com a presença de um libertino pelo receio de contaminação. Pois, nós cujas baixas classes têm tanto sangue das raças africanas e indigenas, raças que nunca sahiram do barbarismo, devemos evitar escrupulosamente contacto com a raça chinesa?

E que obrigação têm vozes de misturarem o seu sangue com o dos chins que vierem para o Brazil? Quem não gosta de vinho, deixa de beber-o.

— Mas, acodem outros, o senhor não acha que a immigração europêa é preferivel á asiatica?

Sem duvida; mas ha quantos annos que os nossos estadistas de todas as côres politicas estão procurando (segundo dizem) attrahir immigrantes da Europa, e qual é o resultado de todos os seus esforços? E' melhor deixar as nossas terras incoltas do que empregar para o seu cultivo braços que não sejam europeus? Os que pensam assim são comparaveis sómente a rainha Maria Antonieta que levada por um odio cego antes quiz ser degollada do que ser salva pelo generoso Lafayette.

Um fazendeiro.

Desespero de marido.

Juventino em ha tres annos casado com Dona Brêtes, vivia rico e vaidoso, que passara a segunda nupcias, desposando-o.

Por mais que cercasse de cuidados, extremosse provas de amor á sua esposa, Juventino vivia de continuo incommodado com as saudades que Dona Brêtes tinha do seu defuncto e as comparações amesquilhaadoras do segundo marido.

Paciente no primeiro anno, massado no segundo, Juventino foi sentindo ao correr do tempo que a mulher in lhe apagando o amor nas lagrimas que chorava pelo seu defuncto.

Um dia não pôde mais ouvir lamúrias sem castigá-las.

Dona Brêtes acabava de fazer pelo tricentessimio vez o elogio do seu defuncto.

— Ah, Brêtes h... exclamou Juventino; eu sinto, ninguém sente mais do que eu, que teu marido houvesse morrido h...

— Tu sentes?... tu sentes?... e esta h...

— Podesse elle resuscitar!

— Ah... e como havia de ser agora... supponhamos vel-o ali resuscitado... e então?...

— En lhe proporia um conveniente amigavel: por amor do tua felicidade eu te cederia a elle; e por compensação deste sacrificio guardaria para mim o dinheiro que me trouxeste.

Dona Brêtes não tornou mais a fallar do seu defuncto.

O QUE VAI POR AHI

Quemta contravies hoje e quando vi e admirei durante os ultimos dias do seminario lido ali o começo desta: mas como o pueril e as lizes, os amáveis e deliciosos espectadores da Comedia Social, se hoje me sinto com a veia poetica?

Está não: tive um sonho,
Que magnifica illusio
Transportou-me aos 20 annos,
Põe-me em busca do coração.

Sonhei que a raça canina,
Teuilo a freio um cão dos cães,
Se fôr queisat os bispos
De preceite dos bispos.

O papel bem redigido,
(Eu um papel de mantega)
Fui lido por cabellinha
Cão do galo e de voz meiga.

Resava que a panga de bolim envenenado (cuja força, graças á Providência divina, in passando, assumio logo em principio o caracter de uma conspiração democratica, que poderia ser contagiosa e de fataes consequências para a humanidade).

(E' assim que entremos chins se appetito a especie humana).

Como prova de tão graves asserções, lembrava e documentava os fisicos, de accordo comos chins leproso da capital, haviam atacado de preferencia a aristocracia da raça, a começar pelos chins de Chiari, e a acabar pelo chins brasileiro cujo poletico da corte, e qual voltando do Paraguay lido cuberto de louros como de cicatrias, lido cobardemente assassinado por um fiscal que, seguindo as informações de um outro cão pertencente aos voluntarios, entendeu estreitos reboques de lepra e tinha com todos os cães de Mme. Linch.

Lembrava mais a proterio as glorias caninas que no século de Aspinosi illustraram a crua do cão de Alebiades; e com notavel creencia possederam quanto é inconveniente para a economia social andarem oscilando de chins misturados com os dos ratos e gatos, quer pelo campo do Santa Anna, quer pelas ruas amoniacas desta heroica cidade.

Pedia licença para erguerem em frente á Illustração um monumento do osas freios em honra do asseleu-nialista, terminou prometendo offerecerem uma grande bolsa aos fisicos de Nictheroy por não terem tomado parte na conspiração.

Sonhei mais que no Diário
De Noticias deste imperio,
Eu h caso admiravel,
Maravilhoso, mas serio:

Na banha de Woerthe: cabeça de um official francez foi levada por uma bala prussiana. Não obstante, o corpo ficou em pé por alguns tempos. >...>
Provavelmente continuou a bater-se até o momento em que lhe veio á lido que já não tinha cabeça.

Oh segredos da natureza,
Fallo e diz por tua vez,
Tento cabeça esem tolos
Que combatem pelos reis?

A associação de idéas foi-me levando pouco a pouco até a hora dos estrangeiros, d'onde depressa me arredei ao ver quicidraço o jovem e expugnoso Mitrê.

Ao lado do cadáver estava uma pinda e uma garrafa de Xerez. Não me importa com a pinda, mas com a garrafa, oh isso ergua e vireia n'um volveio de olhos; mas, fatalidade! e sentio se foi doavito pouco a pouco até que deixou no fundo da garrafa uma formosissima donzella, que minto mais que a vinda, embriagou-me.

Eu a vi, oh Deus, em sonhos;
Como é puta, casta e bella!
Eu a vi que ressonava;
Que ressonava em o della!
Em sonar e queixoso,
Como o som de uma harpa ao longe;
Era meigo, harmonioso,
Como a voz dos lábios della.
Eu tento e navisco
Como o canto do sereno;
Era triste e tão sadoso
Como o som que ffo n'areia
O encaplan bonafoso.

Eu a vi, oh Deus, em sonhos;
Como é puta, casta e bella!
Descolado eu vi seu collo;
Como é bello e collo della!
Eu um collo torreado,
Qual d'estados de manila;
Eu um collo, acanhado;
Quanto é bello um collo assim;
Eu tento e tão vicoso,
Que minto alma embriagava,
Como um vintio generoso:
O collo descolado.

Eu a vi, oh Deus, em sonhos,
Como é puta, casta e bella!
Eu sonhei queella me amava,
Quão puro amor era o della!
Eu puto como o aroma
De branca rosa exhalado,
Eu puto como a luz
Do firmamento estrellado;
Eu puto qual do estrella
O cintilar d'avidoso,
Eu casto, humilhado,
Sonoso, meigo, extenuado,
Que de amor morri por ella!

Que pesadelo!

Depois levei-me a imaginação ao grêmio da Associação emancipadora das mulheres, que estava alarandando os seus mais bellos projectos.

A mais penitente (que não era nenhuma asena) lia os seguintes artigos:

1.º A sociedade tem por fim fazer do homem um ente que nunca ultrapasse a altura do criminoso, e do mulher o verdichito estandarte do progresso.

A oradora, referendo a obsequio da um volveio muito amante do masculino juvenatido, demonstrou a grande influencia que tem tido no Brazil as saias de cambraia sobre as casacas bordadas; e baseandose no opotio dos sabios allemes, acerca das analogias anatomicas dos sexos, e dos effeitos da educação, conclueo propoendo os seguintes artigos, que excitou puerilissimos applausos em toda a assembléa.

Art. 1.º Os homens amamperito as crianças de peito, e mudas-lhes-lho as fraldas a tempo e a hora.

Art. 2.º Durante tão agradaveis momentos as mulheres, usando das suas prerrogativas naturais, sabiem a via a trazar de negocios politicos, e mais que importam ao progresso.

Art. adicional. Uma commissão seá creada com o fim de estudar as instituições da Turquia, a fim de ver se podiam ser applicadas entre nós, lyvimentidose, contudo a condicção dos sexos.

Ficam resoguidas as leis em contrario.

Sonhei mais que, para não diverir o publico cahindo no ridiculo, o mimistério actual se propoem a trabalhar em segredo até morrer.

A converção in triangulo: quanto o illustrado ministro da fazenda annunciou aos accionistas do Banco do Brazil que paca o brio genti o felicidade dos povos tinham elles de perder a bagatella de dois mil contos com certos innovações que só podião apparear os entendidos.

que felicidade não se-se: accionista do banco!

Acordei.

Estava incumbido de escrever o folhetim da Comedia, e já eu tardo, porque a redacção estava zangada comigo: o publico esperava com ansiedade um epicta do novo folhetinista.

Que pesadelo!

Tuabota.

